

Pecado Capital

A IRA

Marília Macedo Botinha¹

RESUMO

A autora faz a correlação entre a ira e os sentimentos de inveja, impotência e indignação, utilizando-se de conceitos da teoria kleiniana, do conceito de fúria narcísica de Kohut e da teoria das pulsões de Freud, apontando as diversas maneiras como este sentimento pode ser usado psicologicamente, tanto na destruição como na construção das vivências do sujeito.

Palavras-chave: Objeto bom-objeto mau. Inveja. Voracidade. Fúria narcísica. Pulsão de vida. Pulsão de morte.

ABSTRACT

The author makes the correlation between anger and envy, impotence and indignation by the analysis of kleinian theory's concepts, the narcissist fury concept of Kohut and Freud's instinct theory, pointing out the various ways in which this feeling can be psychologically used both in the destruction and construction of life experience of the subject.

Keywords: Good/bad object. Envy. Greed. Narcissistic rage. Life instinct. Death Instinct

INTRODUÇÃO

Ao pensar na ira, caminhamos em direção à descrição dos sete pecados e eles começaram como oito tentações descritas pelo monge (padre do deserto) Euágrios Pontikos ou Evágrio Pôntico (s.d.), que trouxe um aspecto positivo para a Igreja. Ele nomeou as principais doenças espirituais – os oito males do corpo –, a saber: a soberba, a avareza, a inveja, a ira, a luxúria, a gula e a preguiça (à qual Evágrio chamara de acídia) e a tristeza. Esta doutrina foi conhecida de João Cassiano, reconhecido como um monge crítico e/ou um dos padres do deserto que a divulgou pelo Oriente. Mais tarde, o Papa Gregório Magno também ouviu falar dela e adaptou-a para o Ocidente como os sete pecados capitais, reduzindo-os de 8 para 7, tal como conhecemos atualmente.

Em busca de reflexões mais concretas acerca dos sete pecados, encontramos algo fundamental sobre a ira, que é apontado por São Tomás de Aquino: sua ambivalência.

Daí, seguindo o clássico de Josef Pieper (1977), temos que:

É absolutamente sem razão que na linguagem corrente os conceitos de 'sentidos', 'paixão', 'concupiscência' sejam compreendidos como

¹ Membro Efetivo da SBPMG e SPRJ.

‘sensualidade’, ‘paixão má’ e ‘concupiscência desordenada’. Limitações como estas, de um significado originalmente muito mais amplo, esquecem o mais importante, isto é, que todos estes conceitos não possuem apenas um sentido negativo, mas que, muito pelo contrário, estão neles representadas forças das quais a natureza humana essencialmente se estrutura e vive. (PIEPER, 1977, p. 272-273).

A consciência comum cristã costuma, sempre que se fala de ira, ter em mente apenas o aspecto da intemperança, o elemento desordenador e negativo. Mas, assim como ‘os sentidos’ e a ‘concupiscência’, a ira pertence às máximas potencialidades da natureza humana. Essa força, isto é, irar-se, é a expressão mais clara da energia da natureza humana. Obter algo difícil de alcançar, superar uma contrariedade: eis a função desse apetite sempre pronto a entrar em campo quando um *bonum arduum*, ‘um bem difícil’, deve ser conquistado. Daí que São Tomás de Aquino afirme:

A ira foi dada aos seres dotados de vida animal para que removam os obstáculos que inibem o apetite concupiscível de tender aos seus objetivos, seja por causa da dificuldade de alcançar um bem, seja pela dificuldade de superar um mal. (2001, I- II, 23, 1 ad 1). A ira é a força que permite atacar um mal adverso (2001, I-II, 23, 3); a força da ira é a autêntica força de defesa e de resistência da alma (2001, I, 81, 2).

E São Tomás de Aquino continua enfatizando a importância dos sentimentos irascíveis, visto que são complementares na constituição do sujeito:

Portanto, condenar o apetite irascível, como se fosse intrinsecamente mau, e devesse ser ‘reprimido’, equivale a condenar os ‘sentidos’, a ‘paixão’ e a ‘concupiscência’; nos dois casos se ultrajam as maiores energias da nossa natureza, ofende-se o Criador que, como diz a liturgia da Igreja: ‘estruturou maravilhosamente a dignidade da natureza humana’. (AQUINO, 2001).

A partir destas citações, propomos uma abertura do nosso pensamento, pois, a ira, se é um pecado, é universal e vamos encontrá-la em várias passagens, desde a mitologia, passando pela literatura, até a religião. Os deuses da mitologia a esbanjaram e era impossível conter a ira de Zeus, de Poseidon e de tantos outros.

Voltando às questões religiosas e pensando em Deus, nos deparamos com a “ira divina” derramada sobre Sodoma e Gomorra: as duas cidades são destruídas com fogo e enxofre descidos do céu. Segundo o relato bíblico, as cidades e os seus habitantes foram destruídos por Deus devido à prática de atos imorais.

Buscando a vida de Jesus Cristo, vemos que a ira talvez seja o único pecado que pode ser imputado a ele, pois nunca se ouviu dizer da inveja, gula, preguiça, soberba, luxúria ou avareza de Cristo.

No entanto, encontramos na Bíblia (1982):

Entrou Jesus no templo de Deus, e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. Disse-lhes: Está escrito: a minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes convertido em covil de ladrões. (BÍBLIA, Mt 21, 12-13).

Sob essa perspectiva, nem mesmo Jesus Cristo livrou-se deste sentimento tão humano e, ao mesmo tempo, tão próprio dos deuses.

Na literatura, há Machado de Assis (1884) que libera os sete pecados e que colhe para o perplexo Ser maligno a volta às virtudes divinas. Atestamos uma história de cólera em *As Vinhas da Ira* (STEINBECK, 1979) e em muitos outros expoentes da literatura, inclusive o livro de Jose Roberto Tolero (1988), *Xadrez, Truco e outras guerras* que, embora seja uma obra encomendada, busca inspiração na guerra do Paraguai.

Uma manifestação de ira pode ser vivida por um sentimento que começa silencioso e vai devastando pouco a pouco o sujeito, ou pode partir de imediato de uma explosão de raiva que leva a uma atuação imediata. Podemos dizer, então, que a ira é o mais imprevisível dos sete pecados. Ela pode despertar os pântanos emocionais e levar vinganças e sofrimento para quem é o objeto da ira e para quem passa por ela.

Também no cinema encontramos a discussão deste sentimento. Vamos ver em *Elefante* (2003) uma ira silenciosa que desemboca no assassinato de adolescentes e professores, tendo como executores outros dois adolescentes. De maneira muito mais explícita e desesperada, Michael Douglas reage com ira em *Um dia de Fúria* (1993).

Enfim, seja na ficção ou na realidade, este é um sentimento que todos, de formas diferenciadas, vivenciam.

A IRA E SEUS DESDOBRAMENTOS: SUA ASSOCIAÇÃO COM A INVEJA, A IMPOTÊNCIA E A INDIGNAÇÃO

Neste artigo, propomos a associação da ira a outros três sentimentos: inveja, impotência e indignação. Para discutir isso, refletimos com base em exemplos retirados de filmes diversos. Paralelamente, trazemos também noções teóricas para sustentar a discussão proposta.

Em parte da trama do filme *O Gladiador* (2000), percebemos uma situação de inveja que permeia todo o enredo. O grande imperador Marcus Aurelius, após ganhar sua última batalha contra os bárbaros germânicos, contando com a ajuda do General Maximus, que comanda as suas tropas, deseja fazer deste virtuoso, leal e honesto homem, que conquistou sua confiança, seu

sucessor. Porém, o filho do imperador, Commodus, comete parricídio ao descobrir que o pai não o incluía em seus planos de sucessão. Movido pela inveja e pelo ódio, manda assassinar Maximus, que consegue escapar.

No entanto, ao retornar a sua morada, encontra sua mulher e seu único filho mortos e acaba por ser capturado por mercadores de escravos. Maximus torna-se um grande gladiador e nutre o desejo de vingança contra Commodus pela morte de seus entes queridos. A inveja é a motivadora da ira de Commodus e isto nos leva diretamente para a teoria kleiniana.

Melanie Klein (1948), em sua teoria, deu à inveja uma posição de importância central, utilizando-a para explicar o conflito existente na origem do desenvolvimento. Esta autora enfoca as relações estabelecidas entre a mãe e a criança, e seus desdobramentos, que levarão à configuração de um Édipo precoce.

Klein (1945) realça a figura da mãe, que é vivida de forma ambivalente, visto que ela satisfaz e também frustra a criança. Destas vivências vão surgir as relações com os objetos “bons” e “maus”. A criança ama o objeto bom e quer destruir o objeto mau. Porém, estes objetos são um só (a mãe ou o peito) e levam, assim, a este sentimento de ambivalência.

É interessante perceber que a criança dirige o ódio aos objetos maus, que são vividos como perseguidores, mas algo especial acontece também nestas vivências precoces. Ao mesmo tempo em que a criança faz este movimento de dirigir o ódio ao objeto mau perseguidor, ela também manifesta uma inveja precoce do objeto bom nutridor seio.

Ao sentir o cuidado e a bondade de quem cuida dela e protege-a dos impulsos destrutivos e da ansiedade persecutória, se incomoda com o controle onipotente da mãe, o que, muitas vezes, faz surgir um sentimento de ressentimento.

O seio nutridor invejado é sentido como dotado de todos os atributos desejados e vivido como possuidor de uma quantidade ilimitada de leite e de amor, que é usado para si próprio. Para o bebê, o seio oferece o leite e depois para de fazê-lo, ou seja, oferece um seio limitado. Na fantasia da criança, em seus fantasmas, o seio guarda para si mesmo o que tem de bom.

O ressentimento, anteriormente citado, e o ódio se juntam à ideia de um seio que não se exaure e que é negado ao bebê, e isto provoca ataques sádicos ao peito materno; o bebê quer estragar este objeto.

Mais tarde, este movimento é deslocado para a mãe, que recebe o pênis do pai e tem dentro dela bebês que ela vai parir e amamentar. Nos estágios iniciais do complexo de Édipo, o ataque será direcionado ao pai que toma a mãe. O seio é visto como um intruso, processo que desencadeia o ciúme. Ou seja, a inveja vem da relação dual e o ciúme é um passo à frente no desenvolvimento, pois implica a triangulação. Entretanto, tanto na inveja quanto no ciúme, a ira pode ser acionada.

Klein (1948) faz também uma distinção importante entre inveja e voracidade, pois, na inveja, a criança quer destruir o seio porque ele é bom e possuidor de coisas que ele próprio não tem. Não pode suportar a “bondade” deste seio e deseja estragá-lo. Já na voracidade, o bebê quer ter todos os bons conteúdos do seio e deseja sugá-lo, esgotá-lo, sem se importar com as consequências deste ato. Não quer simplesmente destruí-lo, quer ter para si o que é do outro. É uma vivência gananciosa. De certa forma, do movimento invejoso vai aparecer a cisão entre objeto bom e mau.

Na vivência de ódio sem inveja, a destruição é dirigida contra os objetos maus, e os objetos bons são protegidos pela cisão. Esta situação pode dar um sentimento momentâneo de proteção ao bebê, mas, se o ódio estiver associado à inveja, o objeto bom é destruído. Nesse caso, a ansiedade persecutória é aumentada e a esperança destruída. Sem o objeto bom, não há como se sentir protegido.

A inveja interfere na capacidade de satisfação e impede o desenvolvimento da gratidão. A inveja visa destruir a criatividade da mãe. Este processo deriva, sobretudo, dos impulsos sádicos uretrais e anais, que desembocam na identificação projetiva. Assim, partes próprias são projetadas no objeto, que fica impregnado de maus objetos e, portanto, se torna persecutório.

A inveja (que leva à identificação projetiva), a voracidade (manifesta por uma introjeção destrutiva) e a ansiedade persecutória se aliam e se alimentam. Para que estes desdobramentos tenham um caminho de bom desenvolvimento é necessário que o bom objeto interno tenha se fundado de maneira consistente, que o bebê tenha experimentado mais experiências boas, de sustentação, do que sentimentos de abandono e desvalia que fortalecem as vivências sádicas. Desta maneira, os momentos persecutórios serão transitórios e a relação positiva com o seio materno levará à possibilidade do aparecimento de uma boa vinculação às pessoas, associada à dedicação.

Voltando à ficção, em *O Gladiador* (2000), vamos identificar um Commodus invadido pela inveja, que o leva ao desejo – e à concretização – de destruir Maximus, detentor da admiração do pai. Encontramos também a voracidade de Commodus pelo poder, cometendo o parricídio. Maximus, por seu turno, possui profundos vínculos de lealdade ao Imperador, assim como afeto à família.

A ira de Commodus faz com que ele busque de várias maneiras a destruição de Maximus, até que o apunhala covardemente antes da luta que haverá entre os dois na arena. Maximus, em sua obstinação pelo vínculo aos objetos amados, que são simbolicamente mantidos por meio de pequenas estátuas – parte em que nos reportamos a Winnicott (1951), pois são objetos transicionais que lhe dão conforto em suas desventuras –, busca vingança e sua ira se faz não por inveja, mas por revolta pela perda dos entes queridos. Mesmo ferido, Maximus consegue vencer a luta e matar Commodus, vindo a falecer em seguida. Este filme nos traz várias cenas devastadoras e se torna um tratado sobre a ira associada à inveja.

Passamos agora à discussão da ira por meio do sentimento de impotência. Também vamos buscar exemplos nos filmes, para desenvolver esta ideia.

O filme *Seven* (1995) constitui-se em um bom exemplo para esta discussão. Nele, um assassino em série elimina suas vítimas, de acordo com o pecado ou vício que as consumia. Dois policiais interpretados por Morgan Freeman e Brad Pitt seguem o rastro do criminoso e o filme leva a um final desconcertante quando o criminoso consegue despertar a ira do policial interpretado por Brad Pitt, ao assassinar sua esposa, deixando-o em estado de impotência. O criminoso consegue transformar o policial virtuoso em um ser tomado pela ira.

Pensando na ira por este viés, caminhamos até o conceito de fúria narcísica tratado por Kohut (1984). Este conceito se refere desde a ocorrências triviais, como o aborrecimento com a não resposta a um cumprimento feito, até aos transtornos de grande dimensão como as reações paranoides. A fúria narcísica aparece sob várias formas, pelo desejo de vingança, de desfazer uma ofensa a qualquer custo, da obsessão por perseguir objetivos para suplantar a ferida narcísica.

Kohut (1984), referindo-se ao conteúdo vivencial da fúria narcísica, postula:

Por trás de todos esses estados emocionais está a insistência intransigente na perfeição do Self objeto idealizado e na inexistência de limites ao poder e ao saber de um Self grandioso, que deve continuar sendo o equivalente do 'puro prazer'. (KOHUT, 1984, p. 116).

O fanatismo da necessidade de vingança e a compulsão sem fim para acertar as contas após uma ofensa não são, portanto, atributos de uma agressividade que está integrada aos propósitos adultos do ego. Ao contrário, tal obsessão mostra que a agressão foi mobilizada a serviço de um *Self* grandioso arcaico e que se desenvolveu dentro do plano de uma percepção arcaica de realidade. O indivíduo tendente à vergonha, que está pronto a experimentar as contrariedades como feridas narcísicas e a responder-lhes com raiva insaciável, não reconheceu seu opositor como centro de iniciativa independente com que casualmente está em contradição. As agressões empregadas na luta pelas causas maduramente experimentadas não são ilimitadas. Por mais que sejam vigorosamente mobilizadas, seu objetivo é definido: a derrota do inimigo que interrompe o caminho em direção à meta desejada. Por outro lado, aquele que sofreu uma ferida narcísica não consegue ter tranquilidade enquanto não tiver reduzido a pó um agressor, que se atreveu a contrariá-lo, a discordar dele ou a brilhar mais que ele.

Aqueles que não tiveram um ego auxiliar, mãe, que atendesse, aprovasse e permitisse a fusão, mantêm uma ferida narcísica, que aponta para a sua própria imperfeição e que é vivida como insuportável.

Nas transformações por que passa o *Self* grandioso, vai-se encontrando uma autoestima inibida em seus objetivos e transformada em ambições realistas. Seu desejo de fundir-se num *Self*

objeto onipotente arcaico vai sendo substituído por atitudes que estejam de acordo com o ego, como a busca de ideais significativos. E a fúria narcísica dará gradualmente lugar a agressões maduramente ajustadas ao indivíduo e a serviço de um *Self* bem-estabelecido.

Um policial zeloso como o de *Seven* (1995) tem uma ferida narcísica aberta diante da impossibilidade de salvar sua própria mulher. Instigado pela fala/atitude provocativa do assassino, tem sua fragilidade exposta no momento em que este o informa da gravidez de sua mulher, fato que ele – o policial – não sabia. Nesse aspecto, o assassino faz questão de frisar o desconhecimento do policial, fazendo com que entre no desespero da vingança.

Indiferente ao alerta do companheiro de trabalho, o personagem de Brad Pitt ignora que a intenção do assassino é de que o policial o mate para que, dessa forma, se concretizem os sete pecados capitais: a inveja confessa do assassino e a ira do policial. Com isso, o assassino pretendia expor e expiar os sete pecados.

Mas o detetive Mills não suporta uma ferida narcísica deste porte e reage como o provocador deseja e assim se fecha a última cena deste filme intrigante, que põe a nu a onipotência e a impotência narcísica que levam, tanto uma quanto a outra, a uma resposta de ira.

Por fim, tratamos agora da ira associada ao sentimento de indignação. Existem duas passagens da vida de Freud que podem fundamentar o que será discutido aqui.

Em *Interpretação dos sonhos*, Freud (1900) registrou um episódio humilhante em sua vida, pois quando estava com sete, oito anos de idade, em uma noite, ele urinou no quarto dos pais – na presença destes –, o que motivou uma atitude de seu pai que calou forte no menino que ele era. O pai, Jacob Freud, lhe disse que ele nunca chegaria a nada. Este episódio o perseguiu por anos e ele mesmo afirmava que “fora um golpe terrível em minha ambição”. Embora o sentimento de vingança e de autojustificação não sejam transparentes em suas atitudes, Freud, em seu desejo de grandeza e de reconhecimento, trazia a marca deste momento tão difícil de superar.

Mais tarde, um segundo episódio reforça o desejo de Freud de ser um grande homem, motivado por um momento de humilhação agora vivido e relatado por seu pai. Por volta dos onze, doze anos, Jacob Freud passou a levar Freud consigo em suas caminhadas e, nestas horas, conversavam. Num destes momentos, o pai, contando como a vida dos judeus melhorara na Áustria, relatou: “quando era rapaz, num sábado, fui dar uma volta pelas ruas da cidade onde você nasceu, todo lindamente enfeitado, com um gorro de pele novo na cabeça. Então, vem um cristão, de um lança atira meu gorro no estrume e grita: “Judeu, fora da calçada!” Freud então pergunta ao pai: “e o que você fez?” Ao que ele respondeu: “desci para a rua e apanhei meu gorro”. Freud se decepcionou com a reação dócil de seu pai e desenvolveu fantasias de vingança, inclusive se identificando com Aníbal, que jurara vingar Cartago, por mais poderosos que fossem os romanos. Nunca veriam a ele, Freud, apanhando seu gorro da sarjeta imunda.

Freud, movido pela ira desencadeada pelos dois fatos citados acima, que contribuíram provavelmente para que ele se tornasse o pesquisador incansável que se revelou, nos faz voltar aos dizeres de São Tomás de Aquino (2001):

A ira foi dada aos seres dotados de vida animal para que removam os obstáculos que inibem o apetite concupiscível de tender aos seus objetivos, seja por causa da dificuldade de alcançar um bem, seja pela dificuldade de superar um mal. (I-II, 23, 1 ad 1). A ira é a força que permite atacar um mal adverso (I-II, 23, 3); a força da ira é a autêntica força de defesa e de resistência da alma (I, 81, 2).

Assim, pensando no percurso de Freud, vamos diretamente para sua teoria. A partir de 1920, em *Para além do princípio do Prazer*, Freud (1920) vai apontar uma força invisível e silenciosa, que é pura potência dispersa e que busca em última instância o retorno ao inanimado.

Enquanto a pulsão de vida traz em si um movimento de agregação, a pulsão de morte ou de destruição tem como característica a disjunção. Isto nos leva a pensar no dualismo das pulsões e veremos que são complementares, ou seja, existe um modo conjuntivo e um modo disjuntivo de funcionar.

Se a manifestação é feita por meio de um movimento de unir, de juntar, estaremos diante da pulsão de vida. Se o movimento for de cisão, de separação, estaremos diante da pulsão de morte. O interessante é pensar que, se a pulsão de vida aproxima os indivíduos buscando a vinculação, a pulsão de morte interfere desagregando, embora o desagregar traga o novo.

Então, podemos pensar na pulsão de vida como algo que faz permanecer no sentido de conservar, mas ao mesmo tempo há a necessidade de algo que faça buscar um novo, um sair do lugar, um buscar novas possibilidades e, neste sentido, a pulsão de morte pode ser vista como força criadora.

Levando em conta esta visão, podemos ver um Freud que não se abatia, ao encontrar novos conceitos, não se acomodava nestes. Parece que algo interno o movia e aquele menino que ouviu do pai que nunca seria nada ou que se decepcionou diante da passividade deste pai frente ao insulto, se indignou e foi em busca de se tornar alguém capaz e reconhecido. Freud utilizou sua força “desagregadora” para construir um novo, que desse mais sentido as suas inquietações e angústias e nos presenteou com sua magnífica obra.

Dessa forma, precisamos vincular, mas também desvincular para crescer e neste sentido a ira, além de sua força destruidora, se faz objeto de busca e de desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, finalizamos nossas reflexões reafirmando a correlação existente entre a ira e os sentimentos de inveja e de impotência, que buscando Melanie Klein e Kohut, podemos melhor perceber um movimento que leva a vivências destrutivas, às vezes até como forma de sobrevivência de um psiquismo ainda primitivo. Por outro lado, percorremos a possibilidade de reagir à indignação com uma ira que desperta o desejo de crescimento e a possibilidade de uma construção positiva.

A questão do que faria uma pessoa seguir o caminho da construção, ou da destrutividade, abre porta para pensarmos no desenvolvimento de um ego mais integrado, ou não, o primeiro possível alcançar pela história pessoal das relações objetais e da própria capacidade de resiliência. Nos constituímos apoiados numa carga pessoal, que pela relação com o outro, nos leva a refletir imagens, ou situações de catástrofe, assim como, l as vivências bem-integradas e construtivas. Assim, a Ira poderá ser o motor do desfazer ou do reconstruir.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás. 2001. **Sobre o ensino (De magistro)**. Os sete pecados capitais. Tradução de Luiz Jean Lauand. São Paulo/SP: Editora Martins Fontes.
- ASSIS, Machado de. 1884. **A Igreja do Diabo**. Volume contos. Rio de Janeiro/RJ: Garnier
- BÍBLIA SAGRADA. 1982. Matheus. Petrópolis/ RJ: Vozes, cap. 21, v. 12-13.
- ELEFANTE. 2003. Direção Gus VAN SANT. EUA: HBO filme. DVD (81 min).
- FREUD, Sigmund (1900). **A Interpretação dos Sonhos: 100 anos**. Rio de Janeiro/RJ: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. IV e V).
- ____ (1920). **Além do Princípio do Prazer**. Rio de Janeiro/RJ: Imago, 1974. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XVIII).
- GAY, Peter. 1989. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo/SP: Companhia das Letras.
- GLADIADOR. 2000. Direção Ridley SCOTT. EUA: Universal Pictures. DVD (155min).
- KLEIN, Melanie (1945). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: ____ **Amor, culpa e Reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro/RJ: Imago, 1996. (Obras Completas de Melanie Klein, vol. I).
- ____ (1948). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. In: ____ **Inveja e Gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Obras Completas de Melanie Klein, vol. III).
- ____ (1957). **Inveja e Gratidão**. Rio de Janeiro/RJ: Imago, 1991. (Obras Completas de Melanie Klein, vol. III).
- KOHUT, Heinz. 1984. **Self e Narcisismo**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar Editores.
- PIEPER, Josef. 1977. **Virtudes fundamentais**. Madri: Rialp.

PÔNTICO, Evágrio. **Sobre os oito vícios capitais**. Tradução Carlos Martins Nabeto. Disponível em: <<http://argumentoscatolicos.blogspot.com/2009/07/evagrio-pontico-seciv-da-luxuria.html>>. Acesso em: 15 set. 2010.

SEVEN. Direção David Fincher. EUA: New Line Cinema, 1995. DVD (128 min.).

STEINBECK, John. (1902,1968). **As vinhas da ira**. São Paulo/SP: Abril Cultural, 1979.

TOLERO, José Roberto. 1988. **Xadrez, Truco e outras guerras**. Rio de Janeiro/RJ: Objetiva.

UM DIA DE FÚRIA. 1993. Direção Joel SCHUMACHER. EUA: Warnes Bros. DVD (113min).

WINNICOTT, D.W (1951). Objetos Transicionais e fenômenos transicionais. In: **Textos Selecionados – Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro/RJ: Imago, 2000.